

## NOVAS EXPRESSÕES E METAMORFOSES DO ESPAÇO RURAL EM SANGRADOURO – ARARANGUÁ/SC

*NEW EXPRESSIONS AND METAMORPHOSES OF THE RURAL AREA IN SANGRADOURO – ARARANGUÁ/SC*

### RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de nossa pesquisa de mestrado, que teve como objetivo geral avaliar as condições reprodutivas da agricultura familiar em Sangradouro, Araranguá/SC. Trata-se de uma comunidade rural localizada em vetor litorâneo. Sua constituição remonta ao início do século XX, quando famílias de agricultores forjaram o que denominamos de “tradicionalidade da comunidade”. No final do mesmo século, com as pressões modernizantes da Revolução Verde e da globalização, mudanças ocorreram no território, como êxodo rural dos jovens e introdução de atividades não agrícolas. Nossa pesquisa qualitativa buscou caracterizar as metamorfoses ocorridas, e suas implicações na territorialidade rural. Por meio de entrevistas semiestruturadas traçamos o perfil da comunidade, elegendo paralelos entre elementos de sua história e a configuração atual. Nossos resultados apontaram a constituição de um território e de territorialidades híbridos, onde se verifica nova paisagem física e social, na qual elementos característicos do urbano se associam ao rural agrário. Registramos o envelhecimento populacional e a dificuldade quanto à sucessão geracional da agricultura familiar. Identificamos que a pluriatividade e os plurirrendimentos marcam as dinâmicas familiares, especialmente pelo papel dos jovens e da política previdenciária. As terras agrícolas de Sangradouro aproximam-se da transmutação em terras de moradia e lazer.


**Palavras-chave:** Análise ambiental. Degradação. Erosão. Geotecnologias. Manejo das terras.

### ABSTRACT

This work presents the results of our Master's research, which had as general objective to evaluate the reproductive conditions of the family farming in Sangradouro, Araranguá/SC. It is about a rural community located in coastal vector. Its constitution refers to the beginning of the Twentieth century, when families of farmers forged the one that we denominate “traditionality of the community”. At the end of the same century with the modernizing pressures of the Green Revolution and the globalization, changes occurred in the territory like rural exodus of young people and introduction of non agricultural activities. Our qualitative research intended to characterize the occurred metamorphoses and their implications in the rural territoriality. We traced the community's profile through semi-structured interviews, selecting parallel between elements of its history and current setting. Our results pointed the constitution of a territory and hybrid territorialities, where there is a new physical and social scenery, in which characteristic features of urban associate to rural agrarian. We registered the ageing population and the difficult about the generational succession of family farming. We identified that pluriactivity and multi-yields mark the family dynamics, especially for the role of young people and social security policy. The agricultural lands of Sangradouro are approaching the transmutation into housing and leisure lands.

**Keywords:** Sangradouro. Araranguá. Tourism. Metamorphoses. Pluriactivity. Multi-yields

 Aline Turatti Alves<sup>a</sup>

 Marcelo Cervo Chelotti<sup>b</sup>

<sup>a</sup> Universidade de Uberaba (Uniube), Uberaba, MG, Brasil

<sup>b</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil

DOI: 10.12957/geouerj.2020.44472

**Correspondência:**  
alineturatti.alves@gmail.com

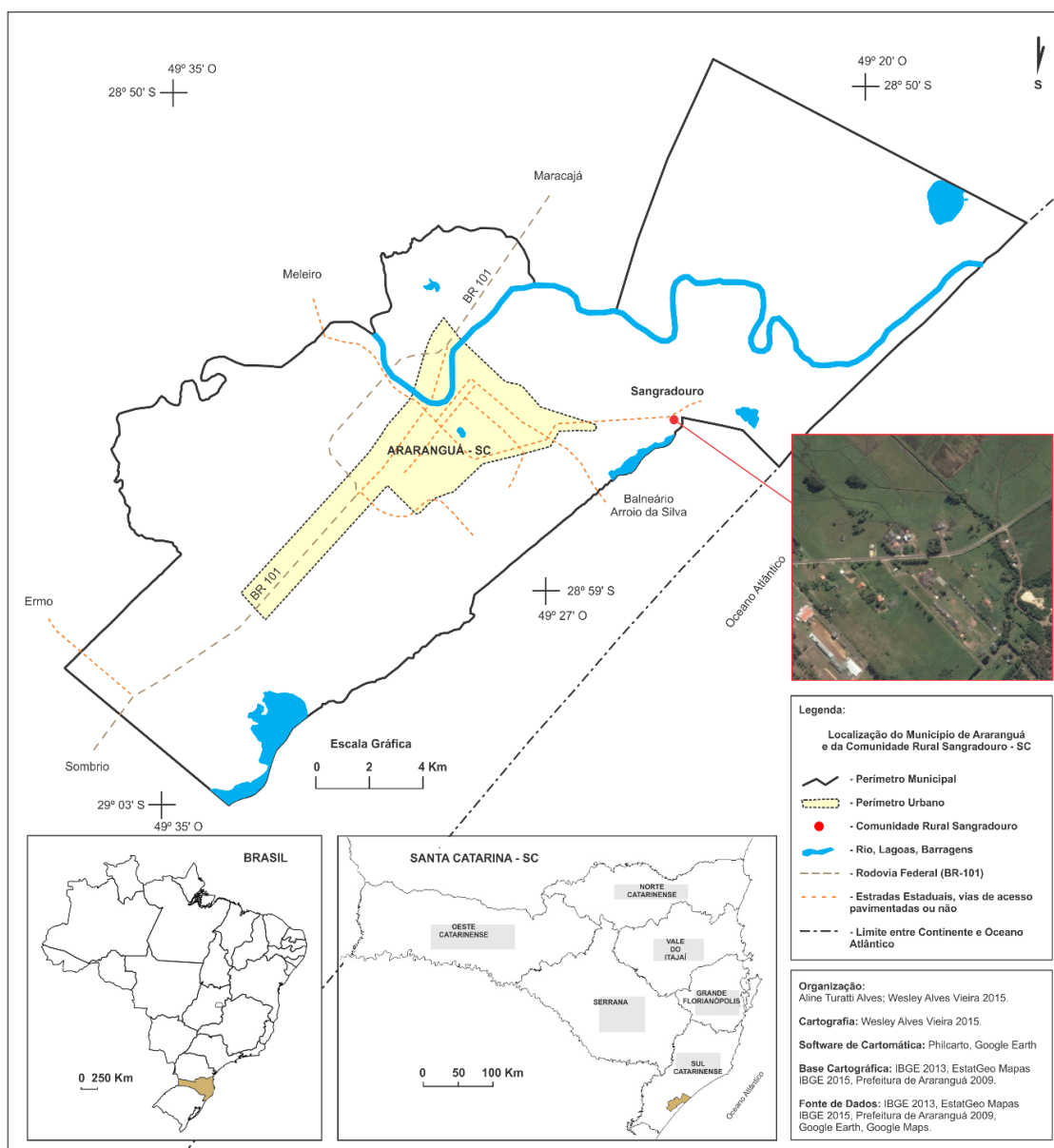
**Recebido em:** 8 ago. 2019

**Aceito em:** 23 maio.2020

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de nossa pesquisa de mestrado, a respeito do rural de Sangradouro (figura 1), uma comunidade<sup>1</sup> rural localizada ao longo da rodovia estadual Valmiro Manoel Gonçalves, que dá acesso ao Balneário de Araranguá, denominado Morro dos Conventos.

**Figura 1.** Localização geográfica de Sangradouro, no contexto do município de Araranguá-SC. Fonte: IBGE (2013; 2015); PREFEITURA (2009). Organização: ALVES, A. T.; VIEIRA, W. A., 2015.



<sup>1</sup> Utilizamos o termo “comunidade” em dois sentidos: localização e grupo formado pelos moradores.



Araranguá é um município de 303.3 km<sup>2</sup> localizado no litoral Sul de Santa Catarina. Pertence à Mesorregião Sul Catarinense e Microrregião Araranguá. Sua população total é de 61.310 habitantes, sendo considerados 51.526 a população urbana e 10.784 a população rural (IBGE, 2010).

A constituição de Sangradouro remonta ao início do último século, quando descendentes de açorianos, italianos e alemães, grupos étnicos predominantes no município de Araranguá, descobriram a fertilidade do solo, especialmente, nas chamadas terras de várzea. A partir daí erigiram, a passos lentos, e com emprego de muita mão de obra, as propriedades pioneiras. Eram famílias de agricultores, proprietários de pequenos lotes de terras (média de 4ha), empenhadas em desmatar, produzir, construir, orar e conviver. Essa sequência de verbos indica o movimento que estabeleceu Sangradouro, concebida da relação entre o imaginário rural-agrícola e imigrante de sua população, as condições materiais ofertadas pelo território, e o contexto político em que estiveram inseridos. Uma comunidade envolvida com a produção na terra e da vida, em termos amplos, considerando sua independência, manifestada na construção das casas, confecção das roupas, e fabricação parcial das ferramentas. A territorialidade fundadora desses sujeitos forjou o que nós compreendemos como a tradicionalidade da comunidade.

No final do mesmo século – década de 1990 –, como resultado das pressões modernizantes da Revolução Verde e da globalização, mudanças começaram a ocorrer naquele território, marcadas, sobretudo, pelo êxodo rural dos jovens e pela introdução de atividades não agrícolas, além da tecnificação da rizicultura<sup>2</sup>, cultivo de maior valor mercantil do Município. Na mesma época, Morro dos Conventos se tornou o único balneário de Araranguá (SC), o que afetou não somente os planos de governo do município, como também os olhares para aquele território de passagem para a praia.

Assim, não foi o interesse do agronegócio pelas terras o que expulsou as pessoas de Sangradouro, a partir daquela década. Aliás, uma repulsão seletiva, focada nas gerações, pois, os agricultores não jovens permaneceram. As propriedades se mantiveram, com as mesmas cercas delimitantes - à exceção dos rizicultores, que expandiram seus terrenos no sentido do Rio Araranguá, atingindo outras localidades rurais. Porém, novos elementos foram sendo incorporados ao território, chamando a atenção, não para os produtos da agricultura familiar, mas, para o turismo que ocorre no verão. A concomitância de novos elementos, como novos negócios, ligados ao turismo, ao lazer, mas, também ao comércio e até à indústria, nos levaram ao desejo de compreender aquela simultaneidade no território historicamente agrícola. Finalmente, embasados na literatura construímos a nossa pergunta de pesquisa: de que forma a reconfiguração territorial, resultante dos processos de modernização e estimulada pelos aspectos políticos do município, ameaça a agricultura em Sangradouro?

---

<sup>2</sup> Os proprietários das terras de várzea receberam incentivos das políticas públicas, desde o PROVÁRZEAS NACIONAL (1982), que os levaram à mecanização do cultivo e à ampliação da área produtiva. A rizicultura transformou a microrregião Araranguá, composta por 15 municípios do Sul Catarinense, em território do arroz, responsável por 34,2% da produção estadual (EPAGRI, 2014, p. 33). Nesse mesmo contexto o PRONAF (1996) atende, basicamente, esses proprietários mais capitalizados, não apresentando importância para a continuidade reprodutiva agrícola das propriedades menores.



Para responder a esse questionamento, julgamos importante especificar: qual o perfil da população atual, em termos de idade, ocupação, renda e perspectivas? Qual a importância presente da agricultura? Qual o significado da pluriatividade no cotidiano das famílias? Para chegarmos às respostas, optamos pela pesquisa qualitativa, e elaboramos um roteiro de entrevistas semiestruturadas<sup>3</sup>. Nossa escolha se pautou no fato de que julgamos importante ouvir as pessoas, suas experiências, suas perspectivas e suas próprias análises, não esperando delas as conclusões analíticas para nossa pergunta principal. Mas, porque entendemos que os sujeitos são os agentes principais das transformações territoriais, ainda que haja multiescalas de estruturas institucionais, agindo de forma independente e impondo, assim, muitas das mudanças.

Nosso roteiro foi construído com o propósito de abranger questões objetivas e subjetivas do cotidiano das famílias. Assim, visitamos 31 propriedades, onde entrevistamos um membro de cada família. Apesar de contarmos com as perguntas pré-estabelecidas, a contribuição dos entrevistados dependeu muito da disposição, da memória, da experiência e do tempo. Desta forma, ao explorar o roteiro, expandimos os diálogos, cumprindo com a motivação de nossa escolha. Nesse sentido, o grupo dos aposentados foi fundamental para análise da trajetória da constituição territorial, em suas continuidades e rupturas. Salientamos que todas as informações específicas se baseiam em fontes primárias. O único documento encontrado, com informações próprias de Sangradouro, foi o mapa de Macrozoneamento do Município de Araranguá (mapa 2).

Para a apresentação dos resultados, iniciamos com a história da comunidade e descrição das características gerais do território e da população. Na sequência, abordamos os projetos de vida modernos e a crise na sucessão da família agrícola. Então, apresentamos os novos atores sociais e o turismo, para, enfim, tratarmos da pluriatividade em Sangradouro.

### **SANGRADOURO: TERRITÓRIO E POPULAÇÃO**

A gênese de Sangradouro remonta à primeira metade do último século, cerca de cinquenta anos após o desmembramento de Araranguá - como distrito de Laguna -, e sua elevação à município (1880) (HOBOLD, 2005). As famílias colonizadoras que se estabeleceram, inicialmente, desenvolveram atividades que garantissem sua sobrevivência. Esse foi um momento em que a produção estava intrinsecamente ligada às necessidades cotidianas e com seu arcabouço cultural.

---

<sup>3</sup> Nas entrevistas semiestruturadas o conjunto de questões é elaborado previamente pelo pesquisador, mas o desenvolvimento do trabalho se aproxima de uma conversa informal. No momento da entrevista o condutor dirige a discussão para os assuntos que lhe interessem, adicionando perguntas que esclareçam e auxiliem na recomposição do contexto investigado, ou sobre algo que não tenha ficado claro. A possibilidade de intervenção e direcionamento é a grande contribuição das entrevistas semiestruturadas, inclusive por meio da utilização de recursos adicionais, como fotografias, por exemplo, o que tende a deixar o entrevistado mais desinibido e trazer à tona fatos esquecidos (SELLTIZ et al, 1987).

Os principais gêneros cultivados/criados eram: mandioca, milho, batata doce, feijão, abóbora, cana-de-açúcar, hortaliças e arroz; galináceos, suínos e bovinos. O cultivo, a criação, bem como a elaboração de instrumentos do cotidiano, como as ferramentas e vestimentas, estava ligada à reprodução, nos seus termos mais amplos. Tal engendramento incluía não apenas as atividades produtivas, mas também as relações de produção. Segundo Marx e Engels,

[...] na produção social da vida, os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada etapa de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais". (MARX; ENGELS, 1982, p. 530).

Desta forma, a etapa de desenvolvimento correspondente aos contextos temporal, político e econômico brasileiros/sulistas, favoreceu a instalação daquelas famílias, organizadas em torno da pequena produção. As tarefas exigiam muito trabalho e muitas pessoas, mas os núcleos eram numerosos, e as relações entre vizinhos, muitas vezes, familiares, eram intensas e cooperativas. Além disso, o trabalho para si representava motivação, e o apoio era estimulado, e mesmo exigido, desde as crianças, a exemplo do que relatou Kautsky (1980, p. 127), sobre os camponeses alemães: "Na agricultura, lar e lavoura estão intimamente fundidos". Assim, essa fusão incluía os membros femininos e masculinos, envolvidos com o cotidiano de manutenção da vida. Sim, havia divisão sexual do trabalho. Porém, obtivemos que as mulheres se ocupavam na lavoura, principalmente nas famílias em que o gênero masculino era escasso entre os filhos.

A comunidade de Sangradouro foi erigida na antiga estrada de areia que acessa o Balneário de Araranguá - Morro dos Conventos. A localização das propriedades adquiridas pelos colonizadores foi representante de importante fator de diferenciação entre os agricultores familiares, do ponto de vista econômico. O trajeto da estrada que ligava – e liga – a cidade à praia (sentido Oeste-Leste), além de separar os terrenos que viriam a ser os estabelecimentos ao norte e ao sul, dividiu no território as terras mais férteis das menos produtivas. Isso porque as terras mais fecundas de Sangradouro são constituídas pelos solos de várzeas<sup>4</sup>, caracterizadas pela umidade - encerram no Rio Araranguá - e regularidade do relevo. Muito produtivas, representaram o atrativo principal para a gênese do território, ao norte da rodovia. Já os terrenos de solo arenoso, mais elevados e irregulares, estão situados ao sul da estrada. As "terras de areia", como são identificadas, produziam pouquíssimo no início da colonização. Foram compradas por valores irrisórios, à época, e melhoradas pelos produtores ao longo do tempo, por meio da prática do plantio.

---

<sup>4</sup> As várzeas se caracterizam por serem solos aluviais e/ou hidromórficos, geralmente planos e ricos em matéria orgânica, facilmente irrigáveis por gravidade, na maioria dos casos, e inundados temporariamente ou não (margens de córregos, rios, vales úmidos), porém, apresentando, muitas vezes, umidade excessiva, necessitando de drenagem adequada. As várzeas são constituídas de solos originários da decomposição de materiais transportados por cursos de água ou mesmo trazidos das encostas pelo efeito erosivo das chuvas. (BELO HORIZONTE, 1980).



Como primeira geração de colonizadores, o desmatamento era necessário, o que nos remeteu à Waibel (1949), a respeito do perfil do imigrante trazido ao Brasil meridional no final do século XIX, já no contexto da limitação em relação à mão de obra escravizada, para colonizar as terras de matas: “soldado agricultor”, desbravador disposto ao cultivo.

O novo tipo de colono deveria ser tanto um soldado quanto um agricultor, para poder tanto defender sua terra quanto cultivá-la. Onde poderia ser encontrado esse tipo de colono? Na Europa, naturalmente; e especialmente na Europa Central, onde soldados desengajados dos exércitos de Napoleão e camponeses pobres oprimidos estavam prontos a emigrar para qualquer país do mundo. (WAIBEL, 1949, p. 166).

Nesse período, a Europa passava por sérias dificuldades, que atingiam diretamente os camponeses, graças “às guerras de independência, a decadência do sistema feudal da agricultura de subsistência, o processo de industrialização e a introdução do modo de produção capitalista no campo, que abalou a estrutura agrária tradicional” (MINATTO, 2001, p. 36).

Obtivemos nos relatos que o modo de vida retratava o discutido pela literatura, tanto em relação à exploração primordial da terra, quanto à forma autônoma de reprodução da existência dos camponeses europeus. A reprodução da vida se dava por meio do próprio trabalho, e pouco comprava-se. Entre estes produtos, o açúcar, o café, o sal e o trigo, que embora produzido, não atendia a demanda, pois, as famílias eram bastante numerosas. Também se comprava querosene, pois, a energia elétrica chegou somente em 1964. As roupas eram confeccionadas pelas mulheres, e as crianças, basicamente, não utilizavam calçados. Conforme KAUTSKY:

A família do camponês da Idade Média constituía uma sociedade econômica bastando-se inteiramente, a si mesma, uma sociedade que não apenas produzia seus gêneros alimentícios, mas também construía a sua casa, os seus móveis e utensílios domésticos; fabricava mesmo a maior parte das ferramentas grosseiras com que curtia peles, preparava o linho, a lã, confeccionava as suas roupas, etc. (KAUTSKY, 1980, p. 29).

Segundo Kautsky, aquela sociedade bastava a si mesma, pois sua existência não dependia do mercado. Se buscavam o comércio, o objetivo era vender seus excedentes produtivos e adquirir alguns supérfluos. Essas características estavam muito presentes nas famílias camponesas imigrantes da América e são lembradas, ainda hoje, pelos agricultores idosos de Sangradouro. Tais práticas perduraram, pelo menos, até a segunda metade da década de 1960, quando começaram a ser terceirizadas, aos poucos - o que coincide com o auge da revolução na agricultura.

Os produtos que dependiam de processamento eram levados para a cidade. Eram os casos do milho e do arroz<sup>5</sup>. Havia muitos engenhos para esses produtos no município, bem como de farinha de mandioca, mas estes eram instalados no interior, como na própria Sangradouro. Quanto aos excedentes da produção, vendia-se milho em espiga, feijão e lenha, extraída do desmatamento dos terrenos, cuja demanda era elevada, em razão dos fogões a lenha, utilizados para o cozimento e aquecimento das casas, durante o inverno. O transporte era feito de forma coletiva, em carroças puxadas

<sup>5</sup> Em pequenas quantidades, o arroz era pilado nas residências.

por cavalos, ou carros de boi, tanto para as mercadorias quanto para as pessoas. As famílias realizavam rodízio nesse sistema.

Nesse ponto percebemos a importância da comunidade, enquanto grupo de indivíduos. Conforme Claval (2007) a comunidade reúne características de coesão e relações de confiança mútua entre o grupo de pessoas, algo característico das relações camponesas. Pois, considerando a origem desses agricultores familiares, sabemos de sua proveniência enquanto camponeses europeus, e logo “agricultores de subsistência”, no caso dos açorianos, e “colonos” nos casos dos alemães, italianos e poloneses, nucleados nas colônias. Nesse sentido, Tedesco (1999) caracteriza o modo de vida camponês, ressaltando a importância das relações sociais, da família, da vizinhança e do parentesco:

As condições materiais de reprodução desse modo de vida, associadas ao meio e às relações sociais que se constroem a partir dessa, asseguram processos sociais nucleados em torno da família, da organização do trabalho, da comunidade, da vizinhança, do parentesco, do mundo exterior, da sua organização social para a sobrevivência, para o domínio da natureza e da construção da individualidade. (TEDESCO, 1999, p. 49).

Essa convivência, portanto, estava relacionada à própria dependência existente entre o grupo familiar e comunitário. Tratava-se de questão de sobrevivência, em um momento marcado pela integração, onde aparelhos televisivos e automóveis não existiam (naquele território). Exemplo disso estava nos hábitos alimentares. A partir da matéria prima elaborava-se a culinária, o que demandava empenho e tempo. A banha era muito importante, especialmente, para armazenagem de carne, antes da chegada da energia. Já a água era retirada manualmente de poços<sup>6</sup>, com balde preso à uma corda.

Em conformidade com a história de Araranguá, predominam em Sangradouro os descendentes de açorianos e italianos, cuja herança é refletida na cultura da população. Entre os aspectos mais evidentes dessa descendência, além da própria agricultura, está a religião, predominantemente católica – 85%. Há mudanças também nesse campo, pois, no passado o catolicismo era unânime. Atualmente, além dos 85% católicos, 8% são espíritas e 7% evangélicos. Ainda assim, as atividades que habitualmente arregimentam a população local acontecem em um centro comunitário – católico -, construído pela população em terreno doado por um dos moradores, pelos idos de 1980. Para lá convergem atuais e antigos moradores, que frequentam as missas, velórios, festas<sup>7</sup> e reuniões do “Clube de Mães”<sup>8</sup>.

Refletimos, a partir disso, sobre a função da religião na constituição e manutenção daquele território, já que conteúdos vividos, como este, ainda são expressados de forma tradicional. Nesse sentido, a relação que os agricultores familiares mantêm com a religião faz parte da ligação estabelecida com a vizinhança e mesmo com o território, já que a

<sup>6</sup> Vimos um deles, desativado e coberto por musgos. Atualmente, a captação da água é realizada com auxílio de motor. “Água de ponteira”, conforme os entrevistados.

<sup>7</sup> A festa religiosa que acontece em Sangradouro não é, exatamente, para celebrar o padroeiro – Menino Jesus de Praga -, mas trata-se de uma confraternização comunitária, que acontece anualmente, reunindo pessoas dessa e de outras comunidades rurais (relato de lideranças religiosas de Sangradouro).

<sup>8</sup> O Clube de Mães reúne as mulheres da comunidade, semanalmente, para execução de atividades artísticas manuais. A prefeitura do município acompanha, promovendo cursos de capacitação, excursões e encontros festivos.



convivência fortalece o vínculo interpessoal e a cultura comum – representações, experiências vividas e processos sociais compartilhados (CLAVAL, 2007). Notamos também que as mesmas lideranças que dirigem o centro comunitário e as atividades que lá são desenvolvidas se envolvem em outras instâncias de participação política, fora de Sangradouro, como sindicatos e eventos religiosos, expandindo o círculo das relações entre outros sujeitos rurais.

A festa acontece no espaço físico de um Centro de Tradição Gaúcha (CTG)<sup>9</sup>. Os dois CTGs de Araranguá estão localizados em Sangradouro. As construções são das décadas de 1980 e 1990. Assim, na história mais recente, a identidade gaúcha<sup>10</sup> comparece, com certa influência. Evidentemente que a própria localização da Microrregião Araranguá em relação ao Rio Grande do Sul, somado à divulgação das chamadas “tradições gaúchas”, são fatores que inspiram certa proximidade. Essa impressão é notada, por exemplo, em determinadas expressões linguísticas e nas escolhas pelos times de futebol.

As primeiras famílias que se estabeleceram em Sangradouro são, praticamente, as mesmas (descendentes) que lá residem, representadas por 70% dos entrevistados. Além disso, 93,5% delas têm, pelo menos, um parente residindo na comunidade, o que evidencia as relações de parentesco típicas da agricultura familiar. Esses laços dão segurança às famílias, influenciando no desejo de permanência, especialmente, das pessoas com mais de 40 anos, como obtivemos nas entrevistas. Apesar disso, não se pode dizer que os sujeitos das numerosas famílias da metade do último século foram as responsáveis pela ampliação do povoamento. Na realidade, segundo os entrevistados, havia mais gente outrora do que no presente. Com base em nosso censo (2016), atualmente lá residem 87 pessoas, distribuídas em 31 das 43 propriedades. Dentre as unidades habitadas 93% têm, em média, 4 hectares. Estas se configuram como policultoras e policriadoras, basicamente de autoconsumo, cuja mão de obra empregada é essencialmente familiar e composta, fundamentalmente, por duas unidades de trabalho, formadas pelo casal proprietário.

Dos 87 moradores de Sangradouro, 42 são mulheres e 45 são homens, dado que chamou a atenção pelo equilíbrio entre os sexos. Desse universo, 60% é composto por adultos (18-59 anos), 23% por idosos, e apenas 17% por crianças e adolescentes. Considerando as diferentes faixas etárias (e para nossa surpresa), nenhuma pessoa com idade inferior a 30 anos foi apresentada como agricultor, maior evidência das transformações em curso naquele território. Considerando o grupo dos mais jovens - os que têm entre 0-17 anos -, são 15 pessoas, dos quais 7 garotas e 8 garotos. Tendo em vista a População em Idade Ativa<sup>11</sup> (PIA), há apenas 2 adolescentes no grupo, enquanto os demais têm menos de 15 anos. Em razão do reduzido universo, todas as crianças em idade estudantil frequentam as escolas da cidade, já que não há

<sup>9</sup> Os Centros de Tradições Gaúchas são sociedades que promovem, em determinada sede, uma série de atividades culturais, artísticas e campeiras, para prestigiar e preservar a identidade gaúcha.

<sup>10</sup> A respeito, indicamos a tese de Lazzari (2004): Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha, e nacionalidade (1860-1910).

<sup>11</sup> A classificação etária de População em Idade Ativa compreende o conjunto de pessoas que, teoricamente, estão aptas a exercer uma atividade remunerada. Seguindo os critérios do IBGE para o PNADC – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua-consideramos PIA a população com 15 anos ou mais.



oferta em Sangradouro e que o transporte público não se desloca para o Balneário (que, no caso, seria mais próximo) em horário escolar.

Esse dado é relevante para a interpretação das territorialidades<sup>12</sup>. O contato frequente com a cidade, que está relativamente próxima à Sangradouro (9 km), passa a fazer parte do imaginário dos jovens. É importante ressaltar que Araranguá não apresenta, do ponto de vista econômico, grandes atrativos para a imigração. Há poucas indústrias, e o comércio é o setor que mais emprega. Mas, a questão cultural não depende apenas disso, quando estamos inseridos na sociedade de consumo e em uma civilização tecnológica, por excelência, em que os “arquétipos<sup>13</sup> do moderno” atuam de forma sedutora. Assim, nos encontramos diante de uma geração (estudantes) que tende a não se ocupar da agricultura.

A questão do lazer se apresentou como outra temática cara em nossa pesquisa, para o entendimento das territorialidades. Esses temas-chave, capazes de realizar paralelos entre o passado e o presente, carregam em si a visibilidade do envolvimento dos agricultores tradicionais e dos novos agentes com as antigas e as novas dinâmicas territoriais. Pois, convivem na cultura elementos responsáveis por certa manutenção dos hábitos, enquanto há releituras em alguns aspectos e abandono de outros. Assim, quando perguntamos às pessoas sobre a ocupação das horas de descanso, obtivemos como resposta que seu lazer é visitar parentes, frequentar festas religiosas, ou pescar. Aqui temos duas atividades importantes, que merecem pausa para aprofundamento da reflexão: o lazer e a pesca. Ferreira (1994) realizou uma análise importante sobre a história do banho de mar na Ilha de Santa Catarina, onde esclarece que este hábito passou a vigorar apenas na segunda metade do último século, com muitas ressalvas de cunho moral. Segundo ele, por muito tempo o mar foi visto como local da pesca, da locomoção e do despejo (de resíduos). Ele enfatizou também que a noção de lazer está associada com a oposição ao ócio, ideia surgida nos países industrializados, à medida que a jornada de trabalho foi diminuindo. Ou seja, um processo que está intimamente relacionado à industrialização e à urbanização, portanto, algo que ocorreu apenas após 1930, no Brasil.

Nesse sentido, o desinteresse pelo turismo de veraneio ainda é característica marcante nos moradores de Sangradouro, apesar da proximidade da costa - cerca de 6 Km. O hábito de ir à praia para um “banho de mar” não faz parte de seu simbolismo. Apontado por 10% dos entrevistados, o mar é mais o lugar da pesca, opção para o “lazer”. Aliás, percebemos que esta palavra não é muito bem recebida na comunidade. O fato de haver um agricultor, pelo menos, na família – 90% dos estabelecimentos – torna a rotina extenuante, pois, o grupo se ocupa, em média, 10 horas por dia no trabalho. Entretanto, os relatos demonstraram que há 40 anos havia mais integração. As carreiras (corridas) de cavalos,

---

<sup>12</sup> De acordo com Raffestin (1993, p.160), “Territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo”. Portanto, a territorialidade é resultado dessa interação entre uma certa sociedade e entre ela e seu espaço, construídas e modificadas com o decorrer do tempo. A territorialidade é, assim, a expressão das subjetividades dominantes das pessoas, que resultam de suas relações, e são expressadas em seus territórios.

<sup>13</sup> O conceito de arquétipo remete à construção teórica de Carl Gustav Jung sobre inconsciente coletivo. Segundo Jung os arquétipos são formas sem conteúdo para onde são canalizados o conjunto de conceitos psicológicos, baseados em “ideias primordiais”. São elementos estruturais, inconscientes, compartilhados pelo conjunto social. (JUNG, 2000).

eram grande atrativo nos domingos e as famílias eram capazes de andar quilômetros para assistir à cancha reta<sup>14</sup>, bem como participar dos bailes de domingueira. Desta forma, percebemos que o tempo “vago” tem sido empregado em outras questões, por exemplo, em frente à televisão, algo em concomitância com a cultura de massa.

Em nossa leitura acerca do lazer observamos que a massificação atinge o grupo social, no sentido da convivência familiar e comunitária. Assim, ainda que haja elementos de continuidade das heranças culturais, a contemporaneidade apresenta certo enfraquecimento das relações de vizinhança, em comparação à vida de 40, 50 anos atrás, o que se intensifica com a popularização dos bens de consumo e a independência das famílias. A interdependência do passado era presente nos mais diversos aspectos da vida cotidiana. O nascimento e a morte, o plantio e a colheita, as trocas e o transporte, as missas e as festas, entre outros, se apresentavam como vivências coletivas de auxílio mútuo.

Aqui lembramos da globalização da economia, e das consequências quanto aos incrementos nas comunicações e nos transportes, somados ao incentivo do individualismo capitalista pós-Guerra Fria. À medida que às rotinas foram sendo incorporados novos instrumentos para facilitação do trabalho, paulatinamente, foi ocorrendo certo afrouxamento nas relações. Conforme as máquinas se avolumaram aos cotidianos da roça e da casa, os vínculos com o trabalho e a convivência foram relativizados. Além disso, houve a redução do tamanho das famílias – a partir da década de 1970 -, em consonância com o contexto dos processos de individualização e independência.

O tamanho das propriedades, a diminuição no número de membros nas famílias, o envelhecimento populacional, e o abandono da atividade agrícola pelos mais jovens, resultaram em redução no trabalho produtivo agropecuário. Apesar disso, a produção para autoconsumo é presente e bastante variada. Há criação e cultivo em 90% dos estabelecimentos rurais entrevistados. Em termos de área predomina a rizicultura e a pecuária bovina. No mais, referente ao uso e ocupação do solo, obtivemos: pasto, reserva nativa, eucalipto, pomar, aipim, mandioca, milho, batata, moranga, abóbora, feijão, melão, melancia, hortaliças e temperos. Na criação, galináceos – corte e postura – e bovinos são encontrados em 75% dos estabelecimentos; suínos, em 10%; equinos e ovinos em 3% deles. Percebemos que há uma tendência em Sangradouro à criação, bem como à seleção e melhoramento genético, independentemente da quantidade de cabeças. Obtivemos a informação de que a prefeitura de Araranguá presta serviços de inseminação artificial no gado bovino, e também há uma pessoa na comunidade que presta esse tipo de serviço de forma particular.

Como vimos, a produção no território sempre esteve vinculada ao tipo da terra de cultivo. Porém, com a passagem dos anos e as modificações nos níveis técnico e cultural, essa marca acentuou as diferenciações entre produtores. Como os proprietários das terras de várzeas<sup>15</sup> ampliaram suas áreas de cultivo/criação, houve um

<sup>14</sup> As carreiras de cancha reta fazem parte da identidade gaúcha, sendo mais tradicional nos pampas. Se caracterizam pela disputa entre cavalos que correm em sentido reto, em canchas separadas. As pessoas que frequentam fazem apostas nos animais, e o ambiente costuma ser bastante festivo. Ainda existe uma cancha reta ativa na localidade vizinha à Sangradouro, embora o evento já não esteja mais tão popular.

<sup>15</sup> Atualmente, essas terras, que são as mais férteis da comunidade, estão parceladas em unidades que variam entre 20 e 75 hectares. Porém, são apenas 8 nessa condição, de um total absoluto de 43 estabelecimentos, sendo propriedades bem maiores que as constituídas pelos solos ou terras de areia de, em média, 4 hectares.

distanciamento produtivo e econômico, tão visível na paisagem quanto a diferença na qualidade dos solos de várzea e de areia. O nível de capitalização dos agricultores mais e menos inseridos no mercado está diretamente associado às questões de solo e produção, como se pode verificar no quadro 1.

**Quadro 1.** Expressões do rural clássico de Sangradouro – Araranguá/SC. Fonte: Pesquisa de campo (jan. 2016). Organização: ALVES, A. T., 2016.

| Características              | Tipos de terrenos   |   |
|------------------------------|---|---|
|                              | Terras de areia   | Terras de várzea  |
| Paisagem/relevo/solo         | Solo arenoso, relevo irregular, presença de dunas   | Solos higromórficos (turfa) – necessidade de drenagem-, relevo plano  |
| Cultivos/agricultura         | Mandioca, aipim, frutas - melão, melancia, laranja, tangerina-, milho (qualidade inferior ao plantado no úmido), hortaliças | Mandioca, aipim, milho, batata doce, feijão, abóbora, moranga, cana-de-açúcar, hortaliças, arroz e pastagem |
| Tipo social                  | Menos capitalizados   | Mais capitalizados  |
| Relação com o mercado        | Menos inseridos   | Mais inseridos  |
| Tamanho dos estabelecimentos | De 1 a 5 hectares   | De 20 a 75 hectares   |
| Número de estabelecimentos   | 35 estabelecimentos rurais  | 8 estabelecimentos rurais   |

Portanto, percebe-se que as alterações em curso já modificaram muito do modo de vida da comunidade “original” de Sangradouro. A inserção das tecnologias, não apenas nas residências e na lavoura, mas na vida como um todo, resultou em mudanças nos hábitos, remodelando as territorialidades e o território. As metamorfoses na comunidade, em específico, foram responsáveis pela gestação de uma crise na sucessão da família agrícola, frente aos projetos de vida modernos.

### PROJETOS DE VIDA “MODERNOS” E A CRISE NA SUCESSÃO DA FAMÍLIA AGRÍCOLA

No contexto da modernização agrícola no Brasil, a lógica do êxodo destinou muitos agricultores à novas alternativas de trabalho e vida. Esta dita atingiu a primeira descendência dos pioneiros – os nascidos no Pós-Guerra -, mas, especialmente, a segunda geração de sucessores. Dentre os destinos buscaram a própria cidade, a Microrregião, as capitais mais próximas e também outros países - Itália e Estados Unidos. Portanto, ao mesmo tempo em que os herdeiros dos colonizadores garantiram certa manutenção da comunidade, outros deles foram “liberados” para outras atividades e vivências.

Nesse sentido, a década de 1990 foi marcante para Sangradouro. As projeções técnicas da modernização atingiram o espaço agrário naquele momento, principalmente para o caso da rizicultura. Por outro lado, o conteúdo



ideológico desse modelo, representante de incentivo ao abandono do campo, ganhou expressão naquela década, independente da expulsão pelo emprego das tecnologias.

A modernização do território por meio da difusão do meio técnico-científico-informacional, ao atingir as relações de produção, afeta não somente as relações econômicas, como também as relações sociais, políticas e culturais do território, e consequentemente, uma nova dinâmica da relação capital x trabalho. Essa dinâmica é relacionada à modernização capitalista industrial e financeira, descortinada nos anos de 1990 [...]. (MATOS; PESSÔA, 2011, p. 4).

Assim, ao impactar todos os tipos de relações no território, a modernização foi responsável por nova dinâmica entre capital e trabalho. Nessa acepção, um dos desdobramentos da ideologia do “desenvolvimento” foi o incentivo das famílias à educação formal da prole. Os novos tempos respiravam competitividade, era necessário não se “atrasar” para a conquista da eficiência.

A reestruturação produtiva brasileira dos anos 1990, lastreada nas políticas neoliberais características do período, resultaram em reformas na educação<sup>16</sup>, indispensáveis à conjunção dos novos interesses econômicos. Portanto, o Estado, por meio de políticas públicas em acordo com a política econômica, exerceu papel fundamental na construção da conjuntura de desenvolvimento das forças produtivas.

Nesse contexto, parte dos nascidos entre 1975 e 1985 buscaram novas possibilidades de vida. Essa tendência ao abandono ocorreu de forma distinta entre os núcleos familiares. Em Sangradouro predominaram os casos em que todos os filhos emigraram, permanecendo o casal; em outros episódios, o filho ou filha mais jovem formaram família e permaneceram na comunidade, dando sequência ao ofício herdado dos pais ou empregados fora da agricultura, e trabalhando apenas na manutenção da propriedade e do consumo; e vimos ainda situações em que houve abandono da propriedade – disponibilizada para aluguel ou venda.

Separando os 31 estabelecimentos com moradores por número de habitantes, obtivemos que 32,25% das famílias é composta pelo casal proprietário. Em seguida estão os núcleos com 4 pessoas, representados por 25,8% das unidades. As maiores famílias apresentam 5 membros, estando apenas 6,45% delas nesse modelo. Em 5 dos estabelecimentos há pessoas morando sozinhas, sendo 4 deles aposentados. Enfim, somadas as casas com 1 e 2 moradores, temos 48,38% dos estabelecimentos nessas condições. Esses dados nos convidam a refletir sobre a sucessão geracional.

Considerando a PEA de até 29 anos, encontramos estudantes, desempregados e trabalhadores empregados em atividades características do meio urbano, o que configura, no contexto familiar, a presença da pluriatividade. Notamos, a partir disso, a construção de novas ruralidades, por meio de uma aproximação com as lógicas do urbano. Por outro lado, os agricultores tradicionais mantêm-se em suas parcas atividades agrícolas e criatórias, contando, em muitos casos, com suas aposentadorias. Isso não os isenta, entretanto, da construção de novas territorialidades, que os incluem num

<sup>16</sup> Sobre o assunto é recomendada a obra de Gentili (1995): “Pedagogia da exclusão: crítica ao liberalismo em educação”.



processo mais amplo do exercício socioeconômico. Diante disso, surge o questionamento sobre quem assumirá a agricultura, à medida que as pessoas de mais idade sucumbirem.

Observando, assim, os velhos e os jovens, as histórias e as atualidades, as mutabilidades e as manutenções, elaboramos um quadro com as velhas e as novas formas no território de Sangradouro (quadro 2).

**Quadro 2.** Transformações e permanências no território de Sangradouro – Araranguá/SC. Fonte: pesquisa de campo (jan. 2016).  
Organização: ALVES, A. T., 2016.

| Velhas formas – “tradicionais”  | Novas formas – “modernas”  |
|---|--|
| Estabelecimentos com famílias numerosas – casal com até dez filhos  | Estabelecimentos com famílias pequenas – casal com, no máximo, três filhos                       |
| Vínculo patrimonial com a terra   | Manutenção das propriedades, apesar da diminuição da capacidade de sustento                      |
| Convivência de variadas gerações  | Envelhecimento populacional  |
| O sustento se dava pela atividade econômica, estritamente agropecuária, e fabricações caseiras de utensílios e vestimenta | O sustento se dá por rendimentos que conjugam a atividade agropecuária com outros tipos de renda |
| Produção agrícola com pouca tecnologia e emprego de muita mão de obra   | Produção e criação tecnificadas, com reduzida utilização de mão de obra                          |
| Grande autonomia em relação ao consumo  | Dependência de mercadorias urbanas   |
| A família estava envolvida em uma única atividade econômica   | Diversificação das atividades econômicas no território e nas ocupações dos membros da família    |
| Local de residência coincidente com o <i>locus</i> produtivo  | Surgimento de sítios destinados à moradia  |
| Dificuldades relacionadas à comunicação e transportes   | Rodovia asfaltada, linha de telefonia e internet   |
| Como atividades de lazer eram comuns as corrida de cavalos, jogo de bocha, domingueiras e missas                          | Pouco lazer, ligado à religião e visitas familiares  |

Ao se analisar a síntese do território de Sangradouro, no quadro 2, percebemos a introdução de urbanidades naquele rural. Não compreendemos que a comunidade esteja caminhando para um processo de urbanização em que, além dos caracteres do urbano na cultura e no território, estejam presentes os elementos da cidade. Por outro lado, percebemos que há uma inserção de componentes na cultura e no espaço, que pareceriam desconectados do contexto, em tempos pretéritos. Portanto, não podemos ignorar as formas de apropriação da estrutura tida como urbana.

Refletindo sobre a questão da “urbanização” do rural considera-se que as próprias características do urbano em Araranguá apresentam entraves à essa suposta tendência, graças às ruralidades comuns aos pequenos municípios, o que Rocha (2004) denomina de subespaços rurais. Segundo o autor:

Em Araranguá, não é difícil notar a presença dos subespaços, que proporcionam uma paisagem diferenciada ao longo da cidade, pelas suas formas de trabalho e pela constituição de territorialidades, contribuindo ao repensar da própria essência do município. (ROCHA, 2004, p. 13).

Conforme Rocha (2004), a paisagem daquele município revela um *continuum* rural-urbano que não permite a identificação do limite rígido do mapa oficial. Os muitos resquícios rurais no espaço urbano, caracterizados pelo transporte animal, a manutenção da horta, o hábito de obter alimentos da roça de parentes, entre outros, destaca a heterogeneidade do processo de urbanização. Além disso, revela um modo de vida descontínuo, que se apresenta contraditório em relação às suposições das qualidades urbanas.

Nesse mesmo sentido, Marafon (2014) desenvolve uma reflexão a respeito das relações campo-cidade na contemporaneidade, e considera que a visão dicotômica sobre esses espaços foi superada. Para o autor, as fronteiras entre campo e cidade se tornaram difusas, muito mais complementares e interdependentes do que contraditórias, o que se reflete, naturalmente, nas questões imateriais, simbólicas, ou seja, nas ruralidades e nas urbanidades.

Esse híbrido, como é o caso do par campo-cidade, ilustra as relações sociais contemporâneas, imbuídas de trocas e fluxos materiais, imateriais e culturais. Desse modo, as ruralidades se desenvolvem, também, nos espaços urbanos e as urbanidades podem se desenvolver nos espaços rurais. (MARAFON, 2014, p. 6).

No caso de Sangradouro percebemos que há uma ameaça à continuidade da agricultura familiar. Diante dos projetos de vida dos mais jovens e da limitação, especialmente, das terras de areia, frente aos desafios comuns à própria agricultura, a sucessão geracional das práticas agrícolas se apresenta fragilizada. Por isso, constatamos a inauguração de um processo de construção de multiterritórios, que conjugam o tradicional e o moderno, em seus aspectos simbólico-cultural, econômico e territorial.

No âmbito econômico encontramos duas novas realidades. Uma delas, gestada por agentes externos, e outra delas pela migração de agricultores para atividades não agrícolas, em Sangradouro. Neste caso, verificamos atividade industrial e comercial. Naquele, atividade turística. Ou seja, são novas perspectivas, que se baseiam na diferenciação socioeconômica dos agricultores (rizicultores x demais agricultores) e no processo de reprodução dos estabelecimentos rurais, onde as possibilidades de continuidade da atividade agrícola são restringidas.

Tomamos como exemplo disso, um caso em que o casal se mantém na atividade agropecuária, enquanto o filho primogênito, outrora emigrante, voltou à comunidade, através de nova atividade econômica, instalando uma marcenaria na propriedade. Trata-se de um dos casos em que os pais não vislumbraram a possibilidade de os filhos se manterem na agricultura, por não acreditarem na viabilidade econômica da atividade. Nos discursos dos agricultores foi recorrente a análise de que esse recurso de vida era “sofrido” e de que não o desejaram para os filhos. Além disso, percebemos que há otimismo no fato dos mais jovens “não dependerem” mais da vida no campo.

Por outro lado, quanto à instalação da madeireira, percebe-se a importância das vias de comunicação nessa inserção das atividades não agrícolas. O sujeito citado reside na cidade e se desloca diariamente para o trabalho na zona

rural. Ou seja, ele encontra naquele espaço tudo de que necessita sua pequena indústria: energia, água, asfalto, telefonia, internet – ainda que haja limitações quanto à qualidade destes últimos<sup>17</sup>. Então, as novas infraestruturas, especialmente as vias de comunicações, estimulam os empreendimentos.

Como já mencionado, não há nenhum agricultor com idade inferior a 30 anos em Sangradouro. Distintos fatores colaboraram para essa realidade, primordialmente: modernização da agricultura, situação interna familiar, “aproximação” ao meio urbano - tanto pela melhoria na infraestrutura, quanto pelo acesso aos bens de consumo - e, por fim, estímulo neoliberal para a educação formal e inserção no mercado de trabalho. Como resultado, o que se verifica naquele território é uma conjuntura que ameaça a sobrevivência da agricultura familiar na comunidade.

### TURISMO E NOVOS ATORES SOCIAIS

Nos últimos 25 anos, Sangradouro passou a ser englobada numa dinâmica global de valorização turística. Os motivos que levaram à essa realidade estão relacionados, especialmente, a fatores espaciais e políticos. Espaciais em função da própria localização, no acesso à praia. E políticos, pois, Araranguá passou a ter apenas um Balneário<sup>18</sup>, o Morro dos Conventos. Em seguida, a administração municipal cunha a denominação “Rota Caminho dos Conventos” para o trajeto de 9,5 quilômetros da rodovia que leva à praia. O título é uma analogia ao antigo caminho litorâneo dos tropeiros<sup>19</sup>. A partir de então, placas de sinalização foram organizadas ao longo da estrada, com notável conotação turística.

Considerando-se a localização de Sangradouro e o contexto socioeconômico e político, sua inserção no processo de significação turística tornou-se inevitável. Além da ocorrência quanto à emancipação de Arroio do Silva (1995), em 1999 foi instalado um complexo turístico na comunidade. Consideramos que este tenha sido o marco do processo de introdução das territorialidades relacionadas ao turismo. O Parque temático explora características do rural por meio de instalações aquáticas, além de um CTG, hotel fazenda, arena de shows, cabanha<sup>20</sup> de cavalos crioulos, cinema para leilões, salão de festas, pizzeria e restaurante. A administração é realizada por uma família oriunda do Rio Grande do Sul, que reside na comunidade desde as primeiras instalações do complexo. Atualmente, os shows nacionais que acontecem na Região costumam suceder na arena de eventos do parque, devido à estrutura construída. Durante os eventos, as

<sup>17</sup> Há telefonia fixa em Sangradouro desde meados da década de 1990. A telefonia sem fio e internet foram estendidas à comunidade nos anos 2000, ainda muito precárias em seu funcionamento, no entanto, até os dias atuais.

<sup>18</sup> Até 1995 Araranguá mantinha dois balneários: Arroio do Silva e Morro dos Conventos. Porém, em dezembro daquele ano, Arroio do Silva é emancipado e Morro dos Conventos torna-se o único balneário municipal.

<sup>19</sup> A abertura do Caminho dos Conventos se deu em 1827, e incentivou a fundação de Araranguá. As tropas partiam da Campanha Gaúcha, levando gado e charque para o abastecimento das minas. Seguiam pelo caminho do litoral, subiam o Rio Araranguá até o planalto de Lages, ou seguiam pela costa até Laguna, e além, como São Francisco do Sul, incentivando a criação de vilas ao longo do trajeto (SILVA, 2009).

<sup>20</sup> Estabelecimento rural que se especializa na criação e reprodução de animais com genética selecionada.



propriedades vizinhas, habitualmente, abrem as porteiças para estacionamento, terceirizando a função, ou assumindo pessoalmente a oportunidade de geração de renda.

A mão de obra empregada no parque é de 70 vagas temporárias (verão) e 10 permanentes. Os funcionários responsáveis pelos animais são recrutados no Rio Grande do Sul, e os demais são do município. Porém, apenas 1 trabalhador, à época da entrevista, era de Sangradouro. Notamos que na comunidade, além daquelas unidades envolvidas com os estacionamentos, os sujeitos não se relacionam com o empreendimento, nem como trabalhadores, nem como visitantes.

Assim, não seria correto afirmarmos que o Parque foi responsável por significativa reconfiguração territorial em Sangradouro. Mesmo porque as propriedades se encontram sequenciadas ao longo da rodovia e, portanto, se distanciam da localidade onde o mesmo está instalado. Porém, é necessário reconhecer que a inserção do turismo promovida pelo empreendimento, mas seguida, posteriormente, por novas iniciativas - instalação de um quiosque de sucos, um pub, um bar e uma casa para shows-, promoveu nova dinâmica, inclusive atraindo o olhar do município para um lugar ignorado, um território de passagem para a praia. Esclarecemos que, por mais que o empreendimento funcione o ano inteiro, a atração principal se refere, de fato, ao parque aquático e, portanto, está muito mais associado ao veraneio, quando recebe muitas excursões. Estamos, portanto, nos referindo ao turismo em espaço rural, onde a exploração dos qualificativos do campo é questão secundária. Neste sentido observamos que, até o momento, o fator climático se apresenta como limitante ao turismo em Araranguá e Sangradouro, enquanto o turismo de inverno arregimenta visitantes para a direção da Serra.

Como vimos, o espaço rural outrora tradicional foi incorporado à uma lógica muito mais ampla, da economia global, contexto que incluiu a massificação da cultura, a valorização do lazer ligado ao turismo e as facilidades das vias de comunicação. Assim, verificamos no território atual a diversificação das atividades econômicas, que convivem com as práticas agrícolas, gestando um território híbrido. A partir dessas inserções, inicialmente externas, a tradicionalidade da comunidade passou a conviver com novos elementos, constituindo territorialidades híbridas, que Rua (2006, p. 86) denomina “urbanidades no rural”. No território híbrido o tradicional e o moderno se apresentam em seus aspectos simbólico-cultural, econômico e territorial. Assim, múltiplas territorialidades têm sido gestadas, inclusive, se considerarmos as relações em rede estabelecidas pelo negócio do turismo. Para Marafon (2014, p. 4):

Rompe-se deliberadamente e explicitamente com dois elementos secularmente associados ao rural: sua função principal não é mais, necessariamente, a produção de alimentos e nem a atividade predominante é a agrícola, reforçando assim a noção de hibridez do espaço rural [...]. Dessa forma, há a mercantilização das paisagens, com a consequente expansão das atividades de turismo e de lazer. E esse rural, é uma das dimensões do espaço geográfico, que pode ser apreendido nas suas relações com o urbano através das ruralidades, urbanidades e das múltiplas territorialidades.

Salienta-se que, ao afirmar que existem territórios híbridos em construção em Sangradouro, em verdade, não se ignora que esse território sempre tenha sido um híbrido. Porém, aqui estamos tratando da construção de

multiterritórios, que conjugam lógicas locais e globais. Nesse ponto retomamos a questão de a municipalidade assumir o projeto de desenvolvimento do turismo na “Rota Caminho dos Conventos”<sup>21</sup>, algo em consonância com os caminhos da modernização e da globalização. Trata-se de uma ação vetor de aceleração e diversificação de territórios e precipitação das transformações materiais e imateriais de Sangradouro.

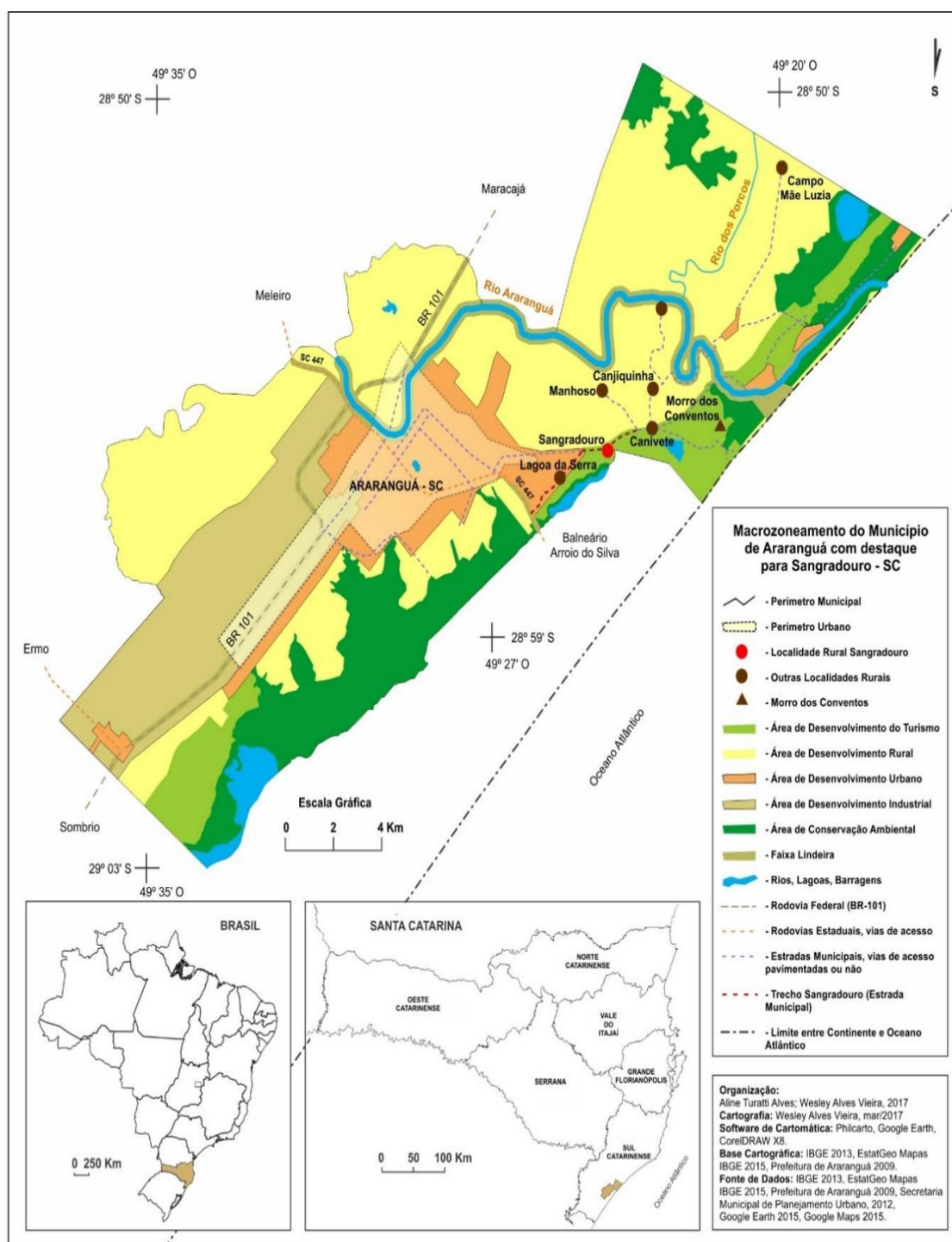
Como resultado, ao atualizar o Plano Diretor, o Município incorporou as mudanças territoriais, expandindo a área de desenvolvimento urbano e de desenvolvimento do turismo, como podemos ver no mapa 2. A partir desse novo plano, a Estrada Geral Morro dos Conventos, exatamente a partir de Sangradouro, está incorporada à Área de Desenvolvimento do Turismo, juntamente às terras ao sul da rodovia (terras de areia). As terras de várzea permanecem como Área de Desenvolvimento Rural, definindo, mais uma vez, a diferenciação entre as duas partes do território. Assim, aquele rural passa a ser responsabilidade da Subsecretaria de Turismo, algo desfavorável para o contexto dos agricultores menos capitalizados, e que inviabiliza a ideia de desenvolvimento com foco nos trabalhadores rurais.

Entendemos que essa readequação do planejamento municipal irá interferir ainda mais na realidade objetiva da população, já que a função do território vai se alterando e influenciando as territorialidades. Assim, ainda que os limites rígidos e artificiais da administração pública não sejam, por si só, capazes de transformar áreas rurais em urbanas, as responsabilidades de gestão das secretarias de governo estão diretamente associadas às atividades desenvolvidas nos territórios. Além disso, a proximidade com a praia, a presença do complexo, a inserção da comunidade na “Rota Caminho dos Conventos”, combinadas com o envelhecimento populacional, e o emprego da mão de obra jovem fora da propriedade, são questões que, somadas, indicam a ameaça à agricultura familiar, e a construção das novas territorialidades em Sangradouro.

---

<sup>21</sup> A Microrregião Araranguá coincide com a região turística “Caminho dos Cânions”. Esta é uma divisão realizada pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina, aprovada em 2003 pelo Ministério do Turismo. São 15 municípios integrando esta Região, que é a 9ª entre as 10 regiões turísticas do estado. (Santa Catarina, 2012). Foi a partir dessa organização que a Rota Caminho dos Conventos foi criada.

**Figura 2.** Novo macrozoneamento do município de Araranguá (SC), com destaque para Sangradouro. Fonte: IBGE (2013; 2015); PREFEITURA (2009); SECRETARIA (2012). Organização: ALVES, A. T.; VIEIRA, W. A., 2017.



## INTRODUÇÃO E PRESENÇA DA PLURIATIVIDADE EM SANGRADOURO

Inserido na dinâmica das atividades não agrícolas no meio rural catarinense, o turismo se apresenta como principal negócio. Apesar disso, não desconsideramos outros empreendimentos em Sangradouro, ligados aos demais setores da economia, inseridos naquela realidade – indústria e comércio. Da mesma forma, não podemos ignorar a

importância da ação dos trabalhadores residentes na comunidade, que se deslocam para o trabalho na cidade. Nos referimos às transformações territoriais, associadas à pluriatividade das unidades produtivas no território investigado.

A pluriatividade é um recurso que vem sendo adotado por vários países do mundo, incluindo o Brasil, especialmente, a Região Sul, mas também a Região Sudeste, em especial, o estado de São Paulo. Segundo Graziano da Silva (1999) essa tendência ganhou volume em nosso país a partir de meados dos anos 80. Em Sangradouro, considerando as 31 famílias entrevistadas, nossa análise da pluriatividade se baseou nos seguintes critérios:

- a) Nenhum membro da PEA está empregado na agricultura;
- b) Todos os membros da PEA estão empregados na agricultura;
- c) Há membros da PEA empregados na agricultura e outros empregados em atividades não-agrícolas; há indivíduos empregados na agricultura e em atividade não agrícola.

Quanto à idade, consideramos 15 anos como mínimo, pois, não havia no universo investigado, trabalhadores ou pessoas procurando emprego com menos do que essa idade. Já sobre o limite máximo, o ignoramos, e mantivemos os aposentados, pois, no caso dos agricultores, todos ainda se envolvem em atividades agrícolas ou criatórias. Mesmo as pessoas com mais de 70 anos estão inclusas, pois exercem essas atividades, com auxílio de parentes. No caso dos não agricultores, também se tratavam de trabalhadores, com idade de até 65 anos.

O grupo menor foi o enquadrado em nosso primeiro critério. Apenas 16,12% da PEA dessas famílias é composta por membros que não se ocupam, de forma alguma, na agricultura. Esse conjunto é conciliado por pessoas que imigraram para Sangradouro nos últimos 25 anos, e que passaram a fazer parte das novas dinâmicas territoriais. Entre eles há os que apenas residem em Sangradouro, e também os que obtêm sua renda no território, em atividades ligadas ao turismo e ao comércio. Conforme o segundo critério, obtivemos que 32,25% das famílias são compostas apenas por agricultores. Destas, apenas 20% são formadas pelo casal com filho (s). Os demais 80% estão representados pelo casal ou por um indivíduo, sendo todos eles aposentados da agricultura, que mantem a agropecuária, porém, contam com plurirrendimentos. Esses são os casos mais evidentes da crise na sucessão da atividade. Baseados no último preceito, chegamos à conclusão que as famílias pluriativas predominam em Sangradouro, atingindo 51,61% dos casos. Desse total, 62,5% são famílias em que o marido é agricultor e a esposa está empregada em outra atividade. No caso de 18,75% das situações, marido e esposa trabalham na agricultura e fora dela. Em 12,5% dos casos, os pais são agricultores e os filhos estão em outras ocupações. Em 6,25%, uma pessoa estava envolvida nos dois ramos.

Os trabalhadores de Sangradouro estão ocupados em diversas profissões -contabilizamos 13 -, além do trabalho na agropecuária. São elas: marceneiro, comerciante, costureira, motorista, operário (fábrica de fraldas<sup>22</sup>), gestor,

---

<sup>22</sup> Há uma fábrica de fraldas na comunidade rural vizinha, na mesma rodovia que cruza Sangradouro.



frentista, manicure, enfermeira, faxineira/empregada doméstica, professora, contabilista e veterinária. Conforme Schneider:

A combinação permanente de atividades agrícolas e não-agrícolas, em uma mesma família, caracteriza e define a pluriatividade, que tanto pode ser um recurso ao qual a família faz uso, como representar uma estratégia individual dos membros que constituem a unidade doméstica. (SCHNEIDER, 2001, p. 1).

No caso em questão, os membros empregados em atividades extra agrícolas não contribuem, diretamente, para a renda familiar. Assim, por mais que a pluriatividade se apresente como um projeto de incorporação de gerações, trata-se de uma estratégia individual, apoiada pelos membros mais experientes do grupo. Nesse ponto percebemos que existe uma diferenciação entre as famílias pluriativas, em geral, pois o tipo de envolvimento com essa dinâmica pode indicar uma maior ou menor possibilidade de viabilização da continuidade produtiva. Esse elemento pode resultar, em última instância, na continuidade ou não da vida da família no campo.

Em nossa investigação concluímos que, enquanto aqueles que foram jovens e crianças na década de 1990 receberam incentivo à emigração, como resultado de toda a pressão modernizante, e a apologia às questões do “mercado de trabalho”, a situação atual se apresenta distinta. A necessidade de emigrar ao encontro de um destino diferente daquele herdado pelos pais já não é essencial. Isso acontece, primeiramente, pelo arrefecimento da ideologia de exclusão do “homem do campo”. Em segundo lugar, pela ampliação das possibilidades de acesso à cultura e ao consumo gerais, especialmente proporcionadas pelos meios individuais de transporte. Por exemplo, identificamos que apenas idosos que moram sozinhos, não tem veículo – carro ou moto – próprio. Todos os demais contam, pelo menos, com um recurso de locomoção particular.

Entendemos que essa seja uma das razões da presença, nas falas dos entrevistados, da “aproximação urbana”. Quando perguntamos sobre o futuro da comunidade, naturalmente houve menção aos dois sentidos de Sangradouro: território e Igreja. Se por um lado apresentam desesperança na continuidade da tradição religiosa (católica), por outro, acreditam que as propriedades devam passar por parcelamento – já foram feitos dois loteamentos<sup>23</sup> - e aumento da população total, graças às qualidades do lugar, caracterizado pelos entrevistados como “muito bom”, “um paraíso”, “um sossego”. O parcelamento de imóveis rurais apresenta um indicativo da transformação dos estabelecimentos em locais de moradia. A venda externa de terrenos reduzidos à metragem urbana deverá atrair um público cujos interesses se relacionam mais às ditas “qualidades do rural” do que às questões produtivas.

Nesse sentido, entendemos o otimismo de manutenção da vida no campo naquele território, mas, não do campo, enquanto atividade econômica. A ruptura entre as vivências de antes e depois da modernização foi tão abrupta, que apenas os mais capitalizados (rizicultura e pecuária) se mantem, satisfatoriamente, nas atividades tradicionais. E nesse

---

<sup>23</sup> Trata-se de uma propriedade desocupada, pertencente à uma família que emigrou para os Estados Unidos.



cenário emergiu a pluriatividade, como no encerramento de um ciclo em que as terras de plantação tendem a se transformar em terras de habitação e de lazer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo resultou da análise do rural de Sangradouro, Araranguá/SC, a partir das metamorfoses no território e nas territorialidades. Nosso recorte privilegiou as transformações ocorridas a partir da década de 1990, quando as implicações da modernização do campo brasileiro e do neoliberalismo econômico contribuíram para o êxodo dos jovens.

Data desse período o início da valorização do turismo de veraneio, incorporando a comunidade. A emancipação do Balneário Arroio do Silva/SC (1995), e a instalação de um empreendimento turístico (1999) representaram os marcos desse processo. Mais recentemente, a comunidade foi inserida no projeto de desenvolvimento turístico do município, em consonância com o planejamento do estado. Por isso, o novo Plano Diretor (2017) prevê que toda a estrada que cruza a comunidade e as propriedades ao sul da mesma passam a fazer parte da Área de Desenvolvimento Turístico.

Atualmente, a rizicultura, que ocupa os solos de várzea da comunidade, representa o cultivo mais importante, do ponto de vista econômico. Já as propriedades de terras de areia perderam a capacidade de absorver a mão de obra da progenitura. Apresentam-se agora como unidades em que a mão de obra não depende, exclusivamente, da agricultura, e que a produção desses gêneros se limita, basicamente, ao autoconsumo. Por não haver escala produtiva e incentivo no que se refere à atividade tradicional, os jovens desta realidade não apresentam possibilidades de sucessão da ocupação dos pais, e se ligam, cada vez mais, às urbanidades, no que tange à identidade e também à ocupação econômica.

Nesse quesito também identificamos que a pluriatividade, ou seja, o emprego de membros da família na agricultura e fora dela, se apresenta como estratégia importante de manutenção dos grupos familiares, onde os jovens tendem a se ocupar fora do campo. Assim, enquanto 32,25% das famílias são exclusivamente formadas por agricultores e 16,14% por não agricultores, as famílias pluriativas representam 51,61% da população da comunidade. Com a inserção das rendas não agrícolas e a perspectiva de estreitamento dos laços com a cidade, os jovens deixaram de emigrar na proporção de outrora, porém, tem na propriedade sua residência e não, necessariamente, uma fonte de renda.

Notamos que, apesar do envelhecimento populacional, os estabelecimentos não foram abandonados, já que os agricultores são proprietários, o que estimula a permanência. Além disso, há a questão simbólica, que compõe a singularidade dos agricultores familiares, com seus vínculos territoriais envolvidos no cotidiano com a família, o trabalho e a religião. Soma-se ainda a própria infraestrutura encontrada na comunidade (água, energia, telefonia), e a proximidade (9 km) do centro da cidade. Além disso, a população se apoia em plurirrendimentos, contando com a política pública previdenciária, principalmente.





Assim, identificamos em Sangradouro a expressão das chamadas novas ruralidades, transmutadas em territorialidades híbridas, onde se verifica uma nova paisagem física e social, em associação com o rural agrário. A heterogeneidade passou a ser a marca de um território onde são identificadas questões culturais tradicionais, como a festa religiosa anual, em contraste com a atração das águas e dos shows nacionais que ocorrem na arena de eventos do parque aquático. O convívio, cada vez mais frequente, com os turistas da estação de veraneio torna as questões relacionadas ao lazer, especialmente dos urbanitas, uma situação comum.

Há, na conjuntura atual, uma clara tendência de que os estabelecimentos sejam transformados em sítios de finais de semana, chácaras de lazer, ou permaneçam como moradia, por intermédio da herança e/ou do parcelamento das unidades e sua venda, conforme caso identificado. Assim, o uso não agrícola da terra passa a representar uma advertência de que a agricultura familiar possa não ser reproduzida.

## REFERÊNCIAS

- BELO HORIZONTE. **Várzeas**: A melhor Fronteira Agrícola. Informe Agropecuário: EPAMIG, ESAL, UFMG, UFV. Ano 6. N. 65, maio de 1980.
- CLAVAL, Paul. **Geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 3ª Edição, 2007.
- EPAGRI. **Síntese anual da agricultura de Santa Catarina 2013-2014**. 2014 – Ano Internacional da Agricultura Familiar. Governo do Estado de Santa Catarina: Secretaria do Estado da Agricultura e da Pesca. Florianópolis: EPAGRI/ CEPA, 2014.
- FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na Ilha de Santa Catarina (1900-1970)**. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.
- GENTILI, Pablo. **Pedagogia da exclusão**: crítica ao liberalismo em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro**. Campinas: UNICAMP; Instituto de Economia, 1999.
- HOBOLD, Paulo. **A História de Araranguá**. Ed. Complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: [s.n.], 2005.
- IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese de indicadores 2013. Coordenação de Trabalho e Rendimento. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>>. Acesso em jul. 2016.
- JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. 3. ed. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- LAZZARI, Alexandre. **Entre a grande e a pequena pátria**: literatos, identidade gaúcha, e nacionalidade (1860-1910). 384 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- MARAFON, Gláucio José. Territorialidades, ruralidades e as relações campo-cidade. **CAMPO-TERRITÓRIO**: revista de geografia agrária. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-13, jun., 2014.
- MATOS, Patrícia Francisca; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. **Revista Geo UERJ** - Ano 13, nº. 22, v. 2, 2º semestre de 2011, p. 290-322.
- MINATTO, João Marcos. **As transformações no espaço agrário e a lógica de reprodução na agricultura familiar**: o exemplo do município de Turvo/SC. 2001. 143 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.





PREFEITURA. **Araranguá/SC, 2009**. Disponível em: <<http://www.ararangua.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/42294>>. Acesso em: mar. 2017.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Fernando Goulart. **Os subespaços Rurais na Expansão Urbana de Araranguá-SC**. Dissertação (mestrado) em Geografia: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006. Disponível em: <<file:///C:/Users/Aline/Downloads/caminho%20dos%20cnions.pdf>>. Acesso em: jun. 2015.

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 16, abril 2001, p. 164-184.

SELLTIZ, Claire. [et al.] **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.

SILVA, Adriana Fraga da. **“Meu avô era tropeiro!”: identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo – Bom Jesus (RS)**. 2009. 264 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2009.

TEDESCO, João Carlos. **Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e ethos camponês**. 1998. Passo Fundo: EDUPF, 1999.

WAIBEL, Leo. Princípios da Colonização Europeia no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia (online)**. Sumário do número de abril-junho. Ano XI. Nº 2. Rio de Janeiro, p. 159-222, 1949. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/RBG/RBG%201949%20v11\\_n2.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/RBG/RBG%201949%20v11_n2.pdf)>. Acesso em: jul. 2016.